

ANC
X
A

ANC

Os gatos da Constituinte



Os gordos, barrigudos e demagogos que nos desculpem, mas beleza na vida política, a partir desta Constituinte, será fundamental. As urnas com os votos de novembro demonstraram que o povo sabe votar... e votar no belo, no jovem. Os exemplos estão aí: Rita Camata, no Espírito Santo, e Jandira, do PC do B, no Rio de Janeiro. Aécio Neves, mineiro, e Augusto de Carvalho, por Brasília, são exemplos masculinos.

Em Brasília não há adolescente, não há gatinha que não tenha vontade de ter um autógrafo, um poster ou até uma foto ao lado de Augusto de Carvalho, um jovem comunista que se elegeu com 40 mil votos, um super-star que só perdeu na reta final para Valmir Campelo e Maria de Lourdes Abadia, dois campeões de votos na Ceilândia e em Taguatinga, maiores redutos eleitorais do DF.

Augusto de Carvalho, 33 anos, natural de Patos de Minas, signo de Leão, casado com Maria Luiza, pai de uma menina de 3 anos, líder bancário, é o primeiro a reconhecer que ganhou votos graças à beleza física, aos olhos verdes. Mudanças de tempo, mudanças do Brasil, mudanças de tudo. E Augusto faz uma proposta para Marx tremer no túmulo: "O Socialismo só vai dar certo no Brasil com igreja, samba e futebol".

No Espírito Santo o outro exemplo que ganhou votos, e não foram poucos, com a beleza... quem resiste aqueles olhos verdes, aqueles cabelos louros. Que outros argumentos, ou que melhor argumento, para convencer o leitor, mesmo numa eleição para a Constituinte, a votar em Rita Camata. E não venham dizer que isso é voto alienante, voto que só pensa em beleza, voto que não pensa nas consequências políticas. Papo furado: um voto que junta o útil ao agradável. Os dois são a garantia de que a política brasileira, se não está totalmente renovada, pelo menos está mais livre da "carranca", uma marca negativa sempre captada pela população. Salve a beleza na Constituinte.

Socialismo com samba, cerveja, futebol e carnaval

Você veio de Patos de Minas, foi líder de uma categoria classe média em Brasília, e agora é um superstar da política. Como foi essa trajetória?

Augusto de Carvalho — Como milhares de jovens neste país, ao chegar aos 18 anos, idade de prestar o serviço militar, estava eu lá em Patos de Minas fazendo meu curso científico e fui dispensado do serviço militar. Então, me inscrevi no concurso do Banco do Brasil e passei. Tomei posse no banco em 72 e vim pra Brasília, com uma série de inquietações na cabeça. A arte me ajudou muito. Eu vim pra política através da arte. Eu tinha todo aquele pensamento social das leituras de Graçiliano Ramos, Jorge Amado, Dostoiévski, Gorki, Tolstói, Guimarães Rosa e os poemas de Pablo Neruda que me deixavam bastante sensibilizado. Ao chegar em Brasília, fiz vestibular e entrei no curso de Sociologia da UnB, em 1973. A partir daí, procurei logo uma forma de atuar politicamente. No movimento estudantil, fui representante do curso de Sociologia da Universidade mais reprimida do País, que era a UnB.

Você participou da UNE, foi representante da UNE?

— Não. A UNE havia sido desmantelada. Todas as entidades estudantis foram desmanteladas. Agora, aqui em Brasília, a gente procurou participar do movimento de reorganização das entidades. Em 73/74, participei da luta pela reconstrução do Diretório Central dos Estudantes, contra o 477, contra a reforma universitária da ditadura e pela redemocratização da universidade.

E sua atuação no movimento sindical?

— Enquanto atuava no movimento estudantil, entremeava minha atuação com o movimento sindical. Talvez mais o movimento sindical, pois eu trabalhava à noite no Banco do Brasil. Em 74, fui candidato da primeira chapa de oposição do movimento sindical bancário de Brasília. Foi uma época muito difícil, pois não tinha ninguém com quem contar. Era eu e mais duas pessoas. O sindicato naquela época estava nas mãos dos pelegos. Fomos derrotados mas demos trabalho. A polícia vivia atrás, perseguindo. Até que em 80, me elegi presidente do sindicato dos bancários. Minha vida sempre foi essa. Não podendo participar da política em Brasília, ia para Patos de Minas em época de eleição.

Você entrou quando no Partido?

— No Partidão eu participei da primeira comissão de reorganização provisória do PCB na clandestinidade, em 74. Começamos com três recontactando as pessoas que estavam perdidas, proibidas e exiladas. O partido aqui foi construído quase sem nenhum vínculo com os antigos e históricos líderes que estavam numa situação bastante difícil.

Bem, agora você é um deputado-constituinte, um superstar da política de Brasília. A jornalista Maria do Rosário Caetano escreveu um artigo chamando-o de "O gato da Constituinte". Você se acha o "gato" da Constituinte dando autógrafos a todo instante, tendo seus cartazes disputados pelas gatinhas, sempre cercado por mulheres jovens...

— (Todo sem graça) Bem... a nossa campanha em Brasília foi marcada pela diferença da campanha dos outros candidatos. Em primeiro lugar, nos tínhamos uma tarefa muito árdua que era descriminalizar o Partido Comunista. Há 40 anos ele estava proibido de participar de eleições. A última que participamos foi a Constituinte de 46 e a Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro em 47. Depois cassaram os mandatos dos parlamentares que elegemos em 46. Então, nossa tarefa era árdua. O Carlos Alberto, meu companheiro de chapa, era presidente do PMDB. Ele largou o conforto de participar de uma eleição mais cômoda debaixo da legenda do PMDB para assumir a verdadeira identidade ideológica para ser até questionado pela sociedade. O primeiro desafio que tínhamos era vencer o preconceito. Afinal de contas, foram vinte anos de lavagem cerebral, de doutrina de segurança nacional etc. Quem falava dos comunistas eram aqueles que nos perseguiram, torturavam e assassinavam. Em 46, o senador mais votado da República foi Luis Carlos Prestes, um comunista histórico. Então, como

recuperar esse prestígio? Os candidatos de direita, candidatos plecaretas, usaram muito o argumento anticlericalismo, dizendo que nós somos contra as igrejas, vamos fechar as igrejas. Ora, foi justamente um deputado-comunista, eleito pela Constituinte de 46, o Jorge Amado que propôs e foi aprovada, a lei que garante ao brasileiro a liberdade de culto. Diziam que a gente era contra a família. De repente, nos apresentávamos na televisão como pessoas normais, cidadãos brasileiros, casados, com filhos.

Você acha que rompeu o cerco anticomunista, desmistificou essa imagem, uma vez que a sua beleza física está sendo curtida por toda juventude de Brasília?

— (ainda bem, sem graça) — Olha... acho que antes mesmo da vitória eleitoral, a gente já tinha essa sensação. A partir do momento que não tínhamos mais espaço na nossa agenda naqueles três meses de campanha eleitoral, era um sinal que nós estávamos sensibilizando as pessoas. Quando eu ia aos colégios debater a Constituinte com crianças de 9 anos de idade, fosse no Lago Sul ou na Ceilândia, a sensação que tinha era de carinho e que estávamos conseguindo recuperar a verdadeira imagem de um comunista.

E os olhos verdes ajudaram?

— Circunstancialmente acho que ajudaram. Pode ter ajudado. Quer dizer... tem uma faixa do eleitorado que ainda não tem um nível alto de conscientização política. São pessoas que não têm acesso às informações, aos jornais, à própria escolaridade. Então tem aquela faixa de eleitores que fala: "Olha, vou votar em você por que você é bonito". Isso aí é uma realidade. Nós procuramos através das pessoas que fizeram nossos programas de televisão, especialistas que foram fundamentais para a nossa vitória, dedicar nossos programas a essa parcela do eleitorado. A gente falava: "Olha a cor dos olhos do Augusto". Mas ao mesmo tempo que falava da cor dos olhos, a gente falava em defender a ecologia. A gente brincava e ao mesmo tempo chamando pra uma mensagem séria.

Com a sua eleição, a eleição de Rita Camata, do Aécio Neves, com a badalação eleitoral em cima da Jandira do PC do B, apontada como forte candidata à "Musa do verão carioca", terminou a fase do político ser quase sempre, uma figura gorda e barriguda; o homem que não tira a gravata, que não tem emoções, que não joga bola e nem toma cerveja no boteco da esquina, vive cercado por seguranças etc. Surge nessa Constituinte um novo tipo de político, onde energia, juventude e beleza é fundamental...

— Olha, a palavra de ordem nossa era "acabar a carranca". É necessário trabalhar com a verdade, o povo está cansado desta política velha

